

5º DOMINGO DE PÁSCOA

18 DE MAIO DE 2025

JOÃO 16.12-22

1 ENCONTRANDO O TEMA PRINCIPAL DO DOMINGO ATRAVÉS DAS LEITURAS DO DIA

1.1 Salmo 148

Este é o terceiro dos cinco salmos de aleluia (Sl 146-150) e, segundo anotações na Septuaginta, está associado aos profetas pós-exílicos Ageu e Zacarias. O salmo é um convite universal ao louvor: desde os seres celestiais até os humanos, toda a criação é chamada a exaltar o Senhor. A razão desse louvor está na fidelidade de Deus ao seu povo. Céus e terra, anjos e criaturas, todos são convocados a se unir em um grande coro festivo para glorificar o Deus de Israel. Nossa falta de sensibilidade à bondade e à glória de Deus reflete a profundidade da queda humana. No entanto, Deus "exalta o poder de seu povo" (v. 14), uma promessa que se cumpre em Cristo, como declarado por Zacarias, pai de João Batista (Lc 1.68-69). Em Cristo, Deus reúne para si um povo santo, tornando-se presente entre ele por meio da Palavra e dos Sacramentos. A visão do salmo é cósmica e aponta para a redenção final, quando toda a criação estará em perfeita harmonia com seu Criador.

1.2 Atos 11.1-18

Este texto relata a defesa de Pedro ao explicar sua visão e experiência com Cornélio e sua família, gentios incircuncisos. Ele enfatiza como Deus abriu a salvação também para os gentios. Pedro declara: "Quando comecei a falar, o Espírito Santo caiu sobre eles, como também sobre nós, no princípio." (v.15). E acrescenta: "Pois, se Deus deu a eles o mesmo dom que tinha dado a nós quando cremos no Senhor Jesus, quem era eu para que pudesse resistir a Deus?" (v.17). Esse relato evidencia a universalidade da salvação e a inclusão daqueles que antes estavam fora da aliança. O desfecho, no versículo 18, resume essa transformação: "Quando os demais ouviram isso,

acalmaram-se e glorificaram a Deus, dizendo: Então também aos gentios Deus concedeu o arrependimento para a vida!”.

1.3 Apocalipse 21.1-7

Esta visão marca o encerramento da seção que descreve o juízo de Deus (17.1–21.1) e introduz a última parte do livro (21.2–22.5). A imagem da Nova Jerusalém se entrelaça com a das bodas, simbolizando a união definitiva e gloriosa de Deus e do Cordeiro com seu povo, a Igreja. Aqui, temos a visão da nova criação, onde Deus renova todas as coisas e habita com seu povo, cumprindo suas promessas (Is 65.17; 66.22; 2Pe 3.13). A declaração divina, "Eis que faço novas todas as coisas" (v.5), reforça essa restauração. Na nova criação, "o mar já não existe" (v.1). Na cultura da época, o mar era visto como um lugar de perigo e origem de forças malignas (Dn 7.3; Ap 13.1). Sua ausência simboliza o fim do medo e do mal no novo universo. A visão se aprofunda nos versos 3 e 4: "Então ouvi uma voz forte que vinha do trono e dizia: — Eis o tabernáculo de Deus com os seres humanos. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles e será o Deus deles. E lhes enxugará dos olhos toda lágrima. E já não existirá mais morte, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram." Essa restauração representa a consumação do plano divino, cumprindo a esperança messiânica e escatológica.

1.4 João 16.12-22

Esta visão marca o encerramento da seção que descreve o juízo de Deus (17.1–21.1) e introduz a última parte do livro (21.2–22.5). A imagem da Nova Jerusalém se entrelaça com a das bodas, simbolizando a união definitiva e gloriosa de Deus e do Cordeiro com seu povo, a Igreja. Aqui, temos a visão da nova criação, onde Deus renova todas as coisas e habita com seu povo, cumprindo suas promessas (Is 65.17; 66.22; 2Pe 3.13). A declaração divina, "Eis que faço novas todas as coisas" (v.5), reforça essa restauração. Na nova criação, "o mar já não existe" (v.1). Na cultura da época, o mar era visto como um lugar de perigo e origem de forças malignas (Dn 7.3; Ap 13.1). Sua ausência simboliza o fim do medo e do mal no novo universo. A visão se aprofunda nos

versos 3 e 4: "Então ouvi uma voz forte que vinha do trono e dizia: — Eis o tabernáculo de Deus com os seres humanos. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles e será o Deus deles. E lhes enxugará dos olhos toda lágrima. E já não existirá mais morte, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram." Essa restauração representa a consumação do plano divino, cumprindo a esperança messiânica e escatológica.

2 SÍNTESE DOS TEXTOS

Ao procurar um tema central que une todas as leituras indicadas podemos identificar que o Quinto Domingo de Páscoa nos convida a refletir sobre a grandiosidade da obra redentora de Deus e a renovação que ocorre em Cristo, ressaltando a universalidade da salvação e a esperança escatológica que sustenta a fé cristã. O Salmo 148 é um cântico de louvor que exalta a criação como um testemunho da fidelidade divina, cumprido em Cristo, que reúne uma nova humanidade através da Palavra e dos Sacramentos. Em Atos 11.1-18, a conversão de Cornélio mostra a inclusão dos gentios na salvação, demonstrando que a graça de Deus ultrapassa barreiras étnicas, culturais e sociais. Apocalipse 21.1-7 revela a consumação da obra redentora, com a promessa de uma nova criação onde Deus habita com seu povo, removendo o mal, a dor e a morte. Em João 16.12-22, Jesus prepara seus discípulos para a transformação da tristeza da cruz em alegria da ressurreição, assegurando a presença do Espírito Santo para guiá-los. As leituras nos chamam a confiar na fidelidade de Deus, reconhecer a universalidade da salvação e viver com a certeza de que Cristo faz novas todas as coisas.

3 APROFUNDAMENTO DO TEXTO DE JOÃO 16.12-22

V.12 – *“muito para lhes dizer”*. Jesus reconhece que há muito a ensinar, mas os discípulos ainda não estão preparados para compreender plenamente. A proximidade de sua morte os sobrecarrega, impedindo-os de assimilar os mistérios mais profundos que ele deseja revelar. No entanto, essa limitação é temporária, pois o Espírito Santo virá

para conduzi-los ao entendimento pleno da obra de Cristo. Jesus deu de antemão o seu endosso ao NT. Muitas coisas ainda não foram reveladas. Tudo que faltava da revelação seria suprido pelo Espírito que *“os guiará em toda a verdade”*.

V.13 – *“guiará”*. Gr. *Hodegeo*, de *hodos* (“caminho”, “jornada”); significa conduzir, como um guia de viagem. O Espírito não fala por si mesmo, mas comunica o que Cristo revelou, aprofundando e esclarecendo aquilo que os discípulos ainda não compreendem. Sua atuação está sempre subordinada à revelação do Filho, pois sua missão é dar continuidade ao ensino de Cristo. *“em toda a verdade”*. A autenticidade da doutrina e da prática é garantida pela revelação do Espírito por meio das Escrituras. *“as coisas que estão para acontecer”*. Não se trata de uma promessa de novas revelações, mas da compreensão, após o Pentecostes, de como a morte e a ressurreição de Cristo se aplicam. O Espírito não introduz novas doutrinas, mas ilumina e aplica as verdades já ensinadas, conduzindo os crentes a um entendimento mais profundo da verdade de Deus à medida que seguem seu caminho.

V.14 – *“receber do que é meu”*. Jesus recebeu sua revelação do Pai, e agora o Espírito Santo a comunicará e explicará aos discípulos. *“Ele me glorificará”*. O Espírito Santo glorifica Cristo ao conduzir progressivamente os discípulos ao pleno conhecimento da verdade que nele se manifesta. Ao mesmo tempo, completa sua obra ao glorificar e revelar o Pai. Dessa forma, fica evidente a unidade inquebrantável da Revelação. Jesus mostra que o Espírito o glorificará ao transmitir aos discípulos tudo o que lhe pertence, compartilhando as riquezas da revelação divina. O Espírito nunca aponta para si mesmo, mas sempre para Cristo, exaltando sua obra redentora e tornando ainda mais clara sua centralidade na história da salvação. Essa dinâmica reflete a perfeita unidade entre o Pai, o Filho e o Espírito, pois tudo o que pertence a Cristo também pertence ao Pai. O Espírito comunica essa unidade divina, transformando os corações dos crentes.

V.15 – A relação entre Jesus e o Pai é de perfeita unidade. O Espírito revela o que é de Cristo porque tudo o que é de Cristo também pertence ao Pai. Aqui, temos um testemunho claro da Santíssima Trindade. O Espírito Santo tomará o que é de Cristo e o anunciará aos discípulos, proporcionando uma revelação contínua e aprofundada do plano divino da salvação. Essa atuação do Espírito ajuda os discípulos a compreenderem plenamente as Escrituras e a missão da Igreja. A harmonia entre as três

pessoas da Trindade é essencial para a obra redentora, e o Espírito age como o comunicador dessa verdade entre os crentes.

V.16 – *“Um pouco”*. (Cf. 7.33; 13.33) Por esta expressão Jesus anunciava o fim iminente de sua obra terrestre e sua volta ao Pai. *“me verão de novo”*. O regresso de Jesus alude à sua presença constante entre os seus depois da ressurreição, por meio do Espírito Santo (14.16-28; 15.26; 16.7-15), e além disso, pode fazer referência à sua vinda no final dos tempos (cf. Mt 16.27; 25.3-4; 1Ts 4.16-17; 1Jo 2.28). Desta forma, Jesus fala aqui do intervalo que passaria no túmulo e também do tempo entre a ascensão e a segunda vinda. João usa dois verbos e dois tempos diferentes, para salientar a distinção entre a maneira de ver Jesus durante o período que se encerra (Cf. 14.19) e a que será concedida aos discípulos a partir da glorificação. A nova época se caracterizará por um modo mais penetrante de conhecimento do Filho encarnado e glorioso (Cf. 2.22). É em função da Ressurreição de Jesus e do dom do Espírito que os discípulos compreendem plenamente os acontecimentos e as palavras da vida terrestre de Jesus (12.16: 14.26: 15.26).

V.16-18 – Os discípulos, confusos, questionam o significado das palavras de Jesus sobre sua partida e retorno. Eles ainda não compreendem completamente o que ele quer dizer com sua morte e ressurreição. No entanto, Jesus não os repreende por essa dificuldade, mas os prepara para o sofrimento iminente, garantindo que a tristeza da separação dará lugar a uma alegria transformadora. Embora sua ausência física cause dor, sua ressurreição trará uma alegria duradoura que ninguém poderá tirar.

V.19-21 – Percebendo a inquietação dos discípulos, Jesus os tranquiliza: a tristeza que sentem será passageira. Eles enfrentarão um período de aflição, mas essa dor será substituída por uma alegria indescritível com a sua ressurreição. Para ilustrar essa transição, Jesus usa a metáfora do parto: assim como as dores do nascimento são intensas, mas logo cedem lugar à alegria pelo nascimento da criança, os discípulos experimentarão um sofrimento profundo, mas que será superado pela alegria duradoura da ressurreição. Enquanto o mundo celebra sua aparente vitória com a morte de Cristo na cruz, a verdadeira alegria se manifesta na vitória de Cristo sobre a morte.

V.20 – *“mas o mundo se alegrará”*. O desaparecimento de Jesus trará grande aflição aos discípulos, enquanto aqueles que se uniram contra ele celebrarão o triunfo. No entanto, à luz da ressurreição, os discípulos compreenderão que sua morte,

aparentemente um fracasso, é na verdade sua glorificação, sua vitória e o juízo sobre aqueles que o condenaram. Afinal, é justamente desses acontecimentos que surgirá a nova realidade de Jesus e de seus seguidores, agora repletos de alegria.

V.21 – Cf. Is 21.3-4; 26.16-20; 66.7-14, onde o profeta Isaías ilustra, com a imagem de um parto, o sofrimento de Israel antes da libertação. As vivas dores do parto conduzem à alegria do nascimento de um homem novo: a imagem tinha sido aplicada no AT aos acontecimentos dolorosos que devem preludiar os tempos. João aplica a imagem aos acontecimentos da paixão e da glorificação de Jesus, enquanto vividos pelos discípulos. Veja outros textos do NT em que esta imagem é utilizada: Mc 13.8; Rm 8.22; 1Ts 5.3; Ap 12.2.

V.22 – *“ninguém poderá tirar essa alegria de vocês”*. A ressurreição de Cristo traz alegria duradoura, não apenas uma alegria momentânea (cf. 1Pe 1.3-9). Jesus conclui garantindo que essa alegria será definitiva e ninguém poderá tirá-la. Ela não depende das circunstâncias, mas está enraizada na vitória de Cristo e na sua presença contínua por meio do Espírito Santo. Essa alegria não é passageira nem superficial, mas uma certeza que brota do triunfo de Cristo sobre a morte e do seu reinado eterno.

Assim, esse trecho do Evangelho revela a transição da tristeza para a alegria, um processo que se concretiza na ressurreição de Cristo. O Espírito Santo tem um papel essencial na compreensão dessa realidade pelos discípulos, e a alegria prometida por Jesus transcende qualquer sofrimento. O Cristo ressurreto reina, e sua promessa de alegria eterna permanece firme para todos os que creem.

4 IDEIAS PARA O SERMÃO

Ao refletirmos sobre os textos bíblicos deste Quinto Domingo de Páscoa, percebemos como Deus age para transformar nossa tristeza em alegria e nos conduzir à nova vida em Cristo. Muitas vezes, enfrentamos momentos de incerteza e sofrimento, assim como os discípulos diante da despedida de Jesus. No entanto, a promessa do Senhor é clara: Ele faz novas todas as coisas e nos concede uma alegria que ninguém pode tirar.

A mensagem central do Evangelho nos lembra que a ressurreição de Cristo não apenas confirma sua vitória sobre a morte, mas também inaugura uma nova realidade para seu povo. O Espírito Santo nos conduz nessa caminhada, revelando Cristo e fortalecendo nossa fé. Assim, mesmo em meio a tribulações, podemos ter esperança e confiar na fidelidade de Deus.

4.1 Tema: Confiança e renovação em Cristo

4.2 Introdução

A Páscoa continua a ecoar em nossas vidas, reafirmando a fidelidade de Deus, a abrangência da salvação e a promessa da renovação. As leituras deste domingo nos convidam a confiar plenamente no Senhor, reconhecer que sua graça alcança todas as pessoas e viver na certeza de que Cristo transforma nossa realidade.

4.3 Parte 1: Confiar na fidelidade das promessas de Deus

“Tudo o que o Pai tem é meu. Por isso eu disse que o Espírito vai receber do que é meu e anunciar isso a vocês.” (v.15)

A fidelidade de Deus é o alicerce da nossa esperança – Ele não abandona seu povo como podemos comprovar na Páscoa e no Pentecostes. Esta promessa da dádiva da salvação é para todos (At 11.1-18; Ap 21.6-7).

4.4 Parte 2: Viver com a certeza de que Cristo faz nova todas as coisas

“Em verdade, em verdade lhes digo que vocês vão chorar e se lamentar, mas o mundo se alegrará. Vocês ficarão tristes, mas a tristeza de vocês se transformará em alegria.” (v.20)

A visão apocalíptica de João (Ap 21.1-7) revela a plenitude da obra redentora de Cristo: um novo céu, uma nova terra, e Deus habitando com seu povo. Cristo já iniciou essa transformação, restaurando vidas e dando esperança. No entanto, essa renovação não é apenas futura, mas presente na vida daqueles que vivem pela fé.

Leonidio Schulz Görl

São Leopoldo/RS